
Sobre relações de reciprocidade entre jogo do bicho e escolas de samba no carnaval carioca

On reciprocity relations between jogo do bicho lottery and samba schools in Rio de Janeiro's carnival

Vinícius Natal



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/5873>

DOI: 10.4000/pontourbe.5873

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Vinícius Natal, « Sobre relações de reciprocidade entre jogo do bicho e escolas de samba no carnaval carioca », *Ponto Urbe* [Online], 23 | 2018, posto online no dia 28 dezembro 2018, consultado o 10 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/5873> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.5873>

Este documento foi criado de forma automática no dia 10 dezembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Sobre relações de reciprocidade entre jogo do bicho e escolas de samba no carnaval carioca

On reciprocity relations between jogo do bicho lottery and samba schools in Rio de Janeiro's carnival

Vinícius Natal

INTRODUÇÃO

- 1 As escolas de samba do carnaval carioca sofrem diversas interpretações no âmbito das ciências sociais. Desde à visão do carnaval como um período em que ocorre a inversão de papéis e de identidades, como propôs Da Matta (1979) – mesmo que, em seu argumento, minimize a dimensão conflitiva das escolas de samba – ou um ritual simbólico integrante das sociedades complexas, como nos aponta Cavalcanti (1994). É necessário perceber a complexidade das relações estabelecidas dentro das escolas e a diversidade de discursos que duelam por um lugar ao sol.
- 2 A relação do jogo do bicho com o carnaval carioca atua como um assunto ainda a ser explorado maciçamente nas ciências humanas e, mais amplamente, na sociedade de um modo geral, principalmente quando envolve os atores que, por algum motivo, precisam se relacionar com bicheiros, direta ou indiretamente. Ora, trata-se de um paradoxo: ao mesmo tempo em que pulamos e brincamos um carnaval da Marquês de Sapucaí financiado majoritariamente pelo jogo do bicho, evitamos falar ou pesquisar sobre essa célula visceral na organização das escolas de samba, principalmente no que tange às suas relações com os sujeitos sambistas e a circulação do dinheiro advindo de sua origem. É instigante e necessário, portanto, pensar a respeito. Como se dá a relação entre bicheiros e sambistas? Que estratégias os mecenas utilizam para obter prestígio dentro da escola, ao mesmo tempo em que adquirem a confiança e a devoção dos seus

subordinados? E de que forma os atores sambistas se utilizam de estratégias para lidar com os bicheiros?

- 3 Antes de prosseguir, é importante localizar os limites que perpassam este trabalho. Os dados desta pesquisa foram coletados entre 2012 e 2015, e, a partir de algumas leituras bibliográficas, também presentes neste texto, percebi ser importante abordar o tema pelo viés dos dados etnográficos de campo para descortinar, mesmo que inicialmente, a complexidade das relações sociais nas escolas de samba pelo ponto de vista “de dentro”. Sendo eu circulante do campo – sambista e antropólogo, logo em identidades cruzadas – era necessário encontrar um tom adequado para abordar o assunto: não acusatório, mas, sim, buscando entender de que forma as relações sociais se davam em suas múltiplas dimensões dentro das agremiações. A percepção geral deste artigo passa, muito, pela minha própria inserção nas escolas de samba e pela minha íntima ligação com as agremiações do Rio de Janeiro. O que, de fato, por um lado, facilitou a obtenção de dados, por outro, é um fator que deve ser considerado para a divulgação dos dados e o para o comprometimento dos atores no campo. Por se tratar de um tema delicado, mudei os nomes dos personagens, considerando não ser necessária uma exposição dos informantes – e, por fim, a minha própria – para a elaboração deste artigo.

AS ESCOLAS DE SAMBA COMO ESPAÇO DE PODER E INTERAÇÃO

- 4 As escolas de samba do Rio de Janeiro encarnam diversas faces vividas e encenadas por seus atores sociais (GOFFMAN, 2009). A própria constituição do ritual-competitivo das escolas de samba (CAVALCANTI, 1994) é um sintoma claro dessa manifestação tão significativa na cultura popular brasileira, que ganhou grande visibilidade internacional, tornando-se um empreendimento extremamente lucrativo¹.
- 5 Podemos enxergá-las como um espaço social – campo – de atuação dos sujeitos que se agrupam em torno de um mesmo interesse, origem, capital econômico ou simbólico, dentre outros fatores. Dentro desse campo, esses indivíduos, mesmo que em subcampos do qual possam fazer parte, disputam a hegemonia daquele espaço social. Para tal feito, articulam estratégias para dominarem-se entre si, forjando alianças, criando conflitos abertos e até mesmo utilizando de seu capital – econômico ou simbólico– para se afirmarem em uma posição favorável, conforme ensina Bourdieu (1982). Ao mesmo tempo, as disputas por espaço de atuação fazem parte de um contexto de interação em que os atores buscam constituir relações entre si (FOOTE WHITE, 1943; BECKER, 1996), mas também, nessas relações, alcançar destaque ou hegemonia. Considerar suas forças e seus capitais é fundamental para entender as escolas de samba em um contexto mais abrangente que vá além da festa.
- 6 Desde a constituição dos grupos de sociabilidade que deram origem às escolas de samba, as rivalidades, tensões políticas e a busca por notoriedade eram pontos consideráveis no relacionamento entre os grupos. Por exemplo, Rachel Valença (1996, p. 60) afirma sobre as rivalidades de Mangueira e Portela com as demais agremiações dentro de seu ritual-competitivo:

Nas décadas de 30 e 40 as veteranas Mangueira e Portela dividiram as glórias dos desfiles de escola de samba. Unidos da Tijuca, campeã de 1936, Vizinha Faladeira, Depois eu Digo, Fiquei Firme e Azul e Branco jamais ameaçariam a posição de liderança absoluta das duas grandes rivais.

- 7 Nesse ritmo, Maria Clementina Pereira Cunha nos fala do carnaval, festa na qual se inserem os desfiles das escolas de samba, como esse momento competitivo recheado de tensões e disputas, mas também de frestas – espaços de atuação dos sujeitos – em que permitem a atuação dos sambistas nas negociações com terceiros:

Através delas – as frestas do carnaval – poderá se espiar uma rica miríade de práticas, linguagens e costumes, desvendar disputas em torno de seus limites e legitimidade, ou da atribuição de significados, e sentir as tensões latentes sob as formas lúdicas. Apurando o ouvido, será capaz de captar manifestações de dor, revolta, alegria, presentes nos dias de festa como nos dias comuns, e testemunhar reconciliações ou desentendimentos que, para o historiador, têm sempre um gosto único e inconfundível (CUNHA, 2001, p. 12).

- 8 Citar o caráter histórico de disputa, de negociações e de rivalidade dentro de um contexto de interação dos atores é entender, portanto, a complexidade das relações sociais que permeiam as escolas de samba. A disputa nas escolas de samba, como diz Ricardo Barbieri (2010), mesmo sem um caráter abertamente político, mas, sim, em forma de ritual competitivo, reveste a escola de samba de tal espírito que se torna inerente ao produto de desfile e ao cotidiano de vivência, muitas vezes violento, da agremiação.
- 9 Todo ano, as agremiações promovem a disputa pelo samba de enredo que irá ser levado ao desfile, momento de grande tensão e agitação dentro da escola, realizam duelos para escolher musas, assistas, casais de mestre-sala e porta-bandeira, disputam a atenção de seus torcedores na mídia, principalmente a veiculada pela internet, sobre “o melhor” barracão, enredo, etc., com os quais, finalmente, disputam o título de campeã do carnaval carioca, nos desfiles rituais que ocorrem nas pistas de desfiles espalhadas pela cidade². É um ritual competitivo sentido pelos seus atores, pois. Porém, não podemos perder de vista que essas disputas ultrapassam a esfera do esquema ritual-competitivo em torno de um título, com o qual a escola de samba absorve tal áurea – ou talvez, em um movimento revés, reverbere –, atingindo toda a sociabilidade vivida durante o ano carnavalesco de produção do desfile.
- 10 Logo, é importante assumir essa perspectiva e enxergar as escolas de samba do Rio de Janeiro como um campo de disputas em que diferentes atores podem interagir em busca de hegemonia, sem subtrair seu caráter simbólico e a interação das relações trançadas na vida social³:

Para Bourdieu, a comunicação se dá enquanto “interação socialmente estruturada”, isto é, os agentes da “fala” entram em comunicação num campo onde as posições sociais já se encontram objetivamente estruturadas. O ouvinte não é o “tu” que escuta o “outro” numa relação de poder que reproduz a distribuição desigual de poderes agenciados ao nível da sociedade global. (...) A sociologia de Bourdieu introduz, assim, junto às relações de interação, a questão do poder, frequentemente negligenciada por escolas como o interacionismo simbólico ⁴(Idem, p. 13).

- 11 Compreendamos um pouco mais, então, o panorama do jogo do bicho e sua ligação temporal com as escolas de samba do Rio de Janeiro.

PODER, DISPUTA E BICHO

- 12 O jogo do bicho é uma modalidade de aposta em que ocorre uma associação entre números e bichos, criado no final do século XIX pelo Barão de Drummond, em alusão ao

Jardim Zoológico, que se localizava no bairro de Vila Isabel, cidade do Rio de Janeiro (DA MATTA e SOAREZ, 2006).

- 13 Após um período de expansão pelas ruas da cidade, comercialização em lotéricas oficiais e posterior repressão estatal, o jogo do bicho encontrou nas escolas de samba um terreno fértil para estender sua influência pela cidade. Na figura de Natal da Portela, ocorria, na década de 1940, o primeiro contato de um bicheiro com essas instituições cariocas, fenômeno relativamente novo na cidade, visto que haviam sido criadas em meados da década de 20 (CABRAL, 1996). Tal contato assumiu um caráter de suma importância para a organização dos desfiles carnavalescos da cidade devido às redes ali formadas, nas quais, nesse período, era comum a briga por espaço de atuação entre grupos de bicheiros rivais, geralmente pertencentes a uma mesma família ou grupo de interesse (MISSE, 2007, p. 5).
- 14 Já na década de 1970, estabelecia-se o que popularmente é chamado "cúpula do jogo do bicho", em que um grupo de banqueiros repartiu o território do Estado do Rio de Janeiro em áreas de influência⁵. Dessa forma, expandem seus tentáculos não só para territórios locais, mas também para as organizações ali localizadas: Castor de Andrade, por exemplo, assume as finanças do clube de futebol Bangu e da escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel; Anísio Abraão David torna-se figura conhecida no município de Nilópolis, Luizinho Drumond, na Imperatriz Leopoldinense, entre outros. Mesmo com uma experiência anterior de Natal no GRES Portela, é na década de 1970 que o jogo do bicho alcança um grau amplo de expansão nas escolas de samba, financiando desfiles cada vez mais custosos e luxuosos.
- 15 Já em 1984, com a criação da Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, instituição que passaria a organizar o desfile das escolas de samba, o jogo do bicho ganha alcance e visibilidade na imprensa carioca, tendo as "noções de respeito, disciplina e hierarquia" como base de um funcionamento pacífico e sólido (LABRONICI, 2012). O site da LIESA assim retrata sua fundação⁶:

A data oficial da fundação é 24 de Julho de 1984, quando da primeira reunião oficial entre as dez dissidentes da Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro. Representantes de Acadêmicos do Salgueiro, Beija-Flor de Nilópolis, Caprichosos de Pilares, Estação Primeira de Mangueira, Imperatriz Leopoldinense, Império Serrano, Mocidade Independente de Padre Miguel, Portela, União da Ilha do Governador e Unidos de Vila Isabel não se conformavam com o estado de coisas no plenário, onde formavam a minoria.

Cada tentativa de investir na qualidade do espetáculo era rejeitada. Os impasses geraram desentendimento, levando questões do samba para o lado pessoal. Só havia uma solução para resolver o entrave: a dissidência. E esta não demorou a acontecer. De uma conversa entre o então presidente da Unidos de Vila Isabel, Ailton Guimarães Jorge, com o amigo Castor de Andrade, presidente da Mocidade, surgiu a luz que tiraria da escuridão as maiores Escolas de Samba da Cidade. Castor prometera buscar uma solução para os descontentes – que viria dias depois, já em forma de minuta de Estatuto esboçado pelo advogado Randolpho Gomes.

Após a realização de duas reuniões entre os representantes dos grêmios dissidentes, a LIESA foi fundada e Castor de Andrade eleito à presidência para um mandato provisório de dez meses.
- 16 Tal narrativa afirma que a relação entre a cúpula do bicho – representada pela maioria das 10 escolas dissidentes – e as demais escolas de samba do Rio de Janeiro que compunham a Associação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro – AESCRJ – havia chegado a um limite. Tal fato culminou na dissidência e posterior criação de uma nova

liga, um novo grupo que defenderia os interesses de seus fundadores como, de fato, “A luz na escuridão”.

- 17 Foot-White (1943) trabalha em seu livro *Sociedade de Esquina* com grupos que ocupavam Cornerville, denominação fictícia da cidade de Boston, descrevendo meticulosamente o cotidiano local. Podemos considerar, então, a LIESA como uma "click" no sentido em que o autor nomeia os grupos ali atuantes, na medida em que se constitui como um grupo fechado, coeso, em que furar o bloqueio para pertencer ao grupo é fruto de uma interação pessoal arraigada em muitos aspectos. Pertencer à LIESA não é somente ter sua escola desfilando pelo grupo especial, mas, sim, adentrar no universo de negociação e de relações pessoais promovido entre os dirigentes da organização.
- 18 A união dos bicheiros em torno de uma entidade traria consequências definitivas para os rumos do carnaval carioca. Agora, de fato, quem ditaria as regras dos desfiles e negociaria com poder público e empresários seria a cúpula do jogo de bicho, embasada em uma ideia de legalidade e oficialidade. Seriam reconhecidos pelo poder público, sentar-se-iam à mesa com autoridades para negociação de repasse de verbas, mesmo sem deixar de praticar suas atividades consideradas ilegais perante o Estado.
- 19 O que nos parece uma contradição, à primeira vista, nos dá base para considerar nesse espaço a constante negociação do significado das ideias de legalidade e ilegalidade⁷, e admitimos que seus limites, na relação do jogo do bicho das escolas de samba com autoridades legais, são absolutamente relativos e que, por sua vez, agem "percorrendo complexamente todo o conjunto do tecido social, político e econômico" (MISSE, 2007, p. 144) das interações que ocorrem entre os atores.
- 20 Labronici atenta para a ideia de legalidade construída em torno do assunto, entendendo que o jogo do bicho se insere em um regime de "tolerância" em relação a seus atores legais, afirmando que "Os ilegalismos não são imperfeições ou lacunas na aplicação das leis, eles compõem os jogos de poder" (LABRONICI, 2012, p. 17).
- 21 Já Chineli e Silva (2004) afirmam que a ideia de legitimidade e legalidade no jogo do bicho foi possível graças a uma territorialidade de atuação, origem e aceitação populares em comum. Nesse ritmo, Misse (2007) nos chama a atenção para o fato de que essa ideia também se apoia no fato de que "todos os banqueiros de jogo de bicho e alguns gerentes se enriqueceram e mantêm empreendimentos econômicos legais, ao lado de sua atividade ilícita principal. Castor de Andrade, por exemplo, entre outros empreendimentos, chegou a instalar fábrica de processamento de pescados no sul da Bahia, no início dos anos 1970" (2007, p. 143).

RELAÇÕES DE TROCA: OBSERVANDO E ATUANDO NO CAMPO

- 22 Em um evento denominado "Cine Debate", ocorrido no Centro Cultural Cartola, o desfile da Mocidade Independente de Padre Miguel foi analisado e comentado por pessoas que desfilaram e por figuras da época⁸. Ao exibirem um vídeo do desfile de 1987, logo que apareceu a imagem de Castor Andrade, banqueiro de bicho já falecido com grande influência na área da Zona Oeste, uma comoção tomou conta da ala de baianas que estava presente no debate. Muitas comentavam, cochichavam a falta que Castor fazia à escola, algumas até aplaudiam de pé a passagem do trecho em que Castor sambava livremente pela Sapucaí, entrava pelas alas e até mesmo dançava com a Porta-

Bandeira livremente no lugar do Mestre-Sala, fato que poderia ter ocasionado a perda de pontos da escola. Muitos ficaram intrigados com a situação, questionando entre si o tamanho entusiasmo dos componentes da escola com a figura de um bicheiro. Logo, um membro da plateia questionou ao meu pé de ouvido: Mas eles estão aplaudindo um bicheiro? Isso não é compactuar com o crime? Corta a cena.



Figura 1: Castor de Andrade agradecendo aos jurados, em seu usual gesto de ajoelhar-se em frete à comissão julgadora, no carnaval de 1993



Figura 2: Castor de Andrade posando com o time Bangu Futebol Clube, na década de 1970

23 ***

24 Constância, componente da Mocidade, mudou-se para o bairro de Padre Miguel na sua mocidade, por volta dos 15 anos. Lá, conheceu sua escola de coração, a Mocidade Independente de Padre Miguel, e conta que, ao levar sua filha aos ensaios, se apaixonou à primeira vista pela agremiação. Foi se envolvendo-se gradualmente e, em 1978, decidiu desfilar na escola. Em 15 de Junho de 2013, a componente prestou depoimento para a série "Memória das Matrizes do Samba do Rio de Janeiro", promovida pelo Museu do Samba, ainda no contexto de manutenção do samba carioca enquanto

patrimônio imaterial brasileiro, reconhecido pelo IPHAN. Após discorrer sobre sua vida, ligação com o samba, foi questionada sobre o que pensava sobre a figura de Castor de Andrade. Ela prontamente respondeu:

Olha, eu sou muito grata ao doutor Castor. Tudo o que eu tenho eu devo a ele. Foi graças a ele que eu conheci o mundo todo, França, Estados Unidos, Arábia, tudo, tudo foi ele quem me apresentou. Por causa dele, eu consegui comprar minha casa própria. Quando que eu ia pro estrangeiro se não fosse pela Mocidade? Nunca! (...) Ele já até fez festa surpresa pra mim, foi muito emocionante! Tudo que a gente pedia ele dava, até ajudou a escola a fazer uma festa de dia das crianças(...) Por isso o doutor Castor foi um homem muito bom. Ajudou muita, muita gente, como eu. A Mocidade sente muita falta dele.



Figura 3: Castor de Andrade dando entrevista à TV Globo, no carnaval de 1992. Vale frisar que o bicheiro havia saído da prisão um mês antes, após operação policial de repressão

25 ***

26 Sobre a entrada da família Abraão David no G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis, Bezerra sugere que a mesma não havia ocorrido predominantemente com a intimidação e o uso da força bruta, mas, sim, através de uma vivência anterior no bairro de Nilópolis e a construção de laços de sociabilidade prévios com a comunidade local (BEZERRA, 2009, p. 142). Tal inserção acabaria gerando a constituição de uma rede pessoalizada, em que a família David assumiria uma posição de liderança carismática e, dessa forma, sustentaria sua posição de liderança por meio de benesses e benfeitorias à escola de samba Beija-Flor de Nilópolis e à cidade.

27 Tal carisma e liderança podem ser observados em um samba de terreiro composto pelo intérprete principal da escola, Neguinho da Beija-Flor, responsável pela abertura dos ensaios ocorridos na quadra, em homenagem ao contraventor:

Menino Pobre Sonhador
 Autor: Neguinho da Beija-Flor
 Nasceu um menino pobre
 Guerreiro, brasileiro e sonhador

E foi com gesto nobre
Baleiro, engraxate e camelô
Desde criança
Não perdeu a esperança
De ser na vida, tão sofrida, um vencedor
Cresceu, venceu e hoje vive pra servir
É gostoso a gente ouvir
Que a beija-flor te ama
Anísio Abraão David
O povo te chama
"O rei da humildade"
Anísio é simplicidade
Tem dignidade (bis)
Anísio é samba, amor e amizade

- 28 Além do referido samba, que é cantado a plenos pulmões pelos componentes da escola em seus ensaios, tamanha devoção pode se refletir em uma fala de Adélia, componente da escola, que, ao ser questionada pelo apelido da escola "Família Beija-Flor", diz:

Porque é uma família realmente. Eu e o Neguinho, por exemplo, nos chamamos de brother e sister. **Ele mesmo fala que além do papai, que é o Anísio, ele fala sempre no meu nome.** É uma honra pra mim trabalhar com um grande profissional como ele. Uma pessoa que já passou por várias dificuldades na Avenida, apesar de todo carinho e apoio que ele tem da escola... Ele é um mito pra gente, é uma história viva, na verdade (2006).¹⁹



Figura 4: Anísio e Néelson Abraão David, à frente da escola GRES Beija-Flor de Nilópolis, em 2005



Figura 5: Anísio e diretoria do GRES Beija-Flor de Nilópolis, comemorando o título de 2008 da escola, em desfile pelo bairro de Nilópolis em carro do Corpo de Bombeiros

29 ***

30 Esses trechos nos rendem uma breve reflexão sobre como esses sambistas se relacionam como seus bicheiros. Segundo Constância, os rendimentos gerados nos shows internacionais possibilitaram a compra de sua casa própria, motivo de agradecimento e lealdade que a componente deveria ter ao contraventor. Tal fato acabou gerando uma ligação moral invisível entre os atores: ao passo que um financia o sucesso, o outro retribui o favor com um largo agradecimento e defesa de sua imagem pública. Há, de fato, uma relação de reciprocidade que Castor de Andrade teceu com o GRES Mocidade Independente de Padre Miguel e seus componentes, no caso aqui representado pela desfilante.

31 Da mesma forma ocorre no caso de Anísio com a Beija-Flor de Nilópolis. Ao ganhar de presente um samba com a temática de sua vida do intérprete, receber uma amizade e ser chamado de "Papai" pela componente, o bicheiro liga-se moralmente aos sambistas, gerando um sentimento de reciprocidade e de retribuição.

32 No mesmo viés, o fato de Constância pedir dinheiro ao bicheiro para promover uma festa para seu grupo de amigos, por exemplo, não é nada mais que realizar uma festividade da própria escola. Porém, a noção de um sujeito "bancar" um evento ou favorecer algo/alguém nas escolas de samba se torna importante nesse contexto, pois a graça concedida liga os sujeitos envolvidos, formando relações de reciprocidade que, por sua vez, são convertidas em diferentes moedas, de ambos os lados. Ao mesmo tempo em que "banca", favorece com presentes¹⁰ e promove viagens, o bicheiro conquista a confiança de Constância e tem o carisma da escola como um todo, aumentando o grau de confiabilidade e o sentimento de gratidão pelo "favor" realizado¹¹.

33 Marcel Mauss, em seu "Ensaio Sobre a Dádiva", colocava, já no início do século, uma questão cara para a sociedade contemporânea: de que forma ocorrem as trocas no contexto das relações sociais? O autor observa que nem toda troca teria um sentido

puramente econômico, mas também um sentido social, político e simbólico, com reciprocidade obrigatória, tal qual um elo tecido entre os atores no momento da ação da troca, tal como um "**Sistema de Prestações Totais**":

Ademais, o que eles trocam não são exclusivamente bens e riquezas, bens móveis e imóveis, coisa úteis economicamente. São, antes de tudo, amabilidade, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente. Enfim, essas prestações e contraprestações se estabelecem de uma forma sobretudo voluntária, por meio de regalos, presentes, embora elas sejam no fundo rigorosamente obrigatórias, sob pena de guerra privada ou pública. Propusemos chamar tudo isso o sistema de prestações totais (1985, p. 191)

- 34 Dessa forma, infere-se que as relações de troca ocasionam uma comunhão e aliança entre as partes envolvidas, funcionando como um símbolo da vida social, em que os indivíduos e subgrupos dessas sociedades dialogam constantemente e sentem que se devem tudo (Idem, p. 232). O favorecimento aos sambistas, por exemplo, cria um laço de dependência e gratidão aos banqueiros, gerando o que Mauss denomina de sentimento de troca baseado na obrigatoriedade de retribuição:

Nas economias e nos direitos que precederam os nossos, nunca se constatam, por assim dizer, simples trocas de bens, de riquezas e de produtos num mercado estabelecido entre os indivíduos, são coletividades que se obrigam mutuamente, trocam e contratam (1985, p. 190).

- 35 O fato de Castor de Andrade oferecer benesses à Constância gera um sentimento de obrigação da componente para com o bicheiro: ao passo que recebeu de suas mãos uma oportunidade de “mudar de vida”, deve a ele gratidão e defesa, mesmo que a forma de demonstrar tal feito seja levantar-se e aplaudi-lo em um seminário, ou mesmo defendê-lo publicamente.
- 36 É claro que, ainda nas trilhas de Mauss, o bem doado veste-se de uma espécie de “alma” do doador, que se introjeta na dádiva ofertada:

Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca (1985, p. 212).

- 37 Nesse ritmo, Sabourin afirma que:

Mauss atribui o **mana** ao doador, como uma propriedade espiritual; assim, dando algo, dá-se algo de si mesmo. A noção de dádiva de si leva à ideia de que a dádiva cria uma dependência para com o outro, porque o mana, o ser do doador, seria alienável. Portanto, aquele que receberia esse símbolo seria obrigado a restituí-lo ou a ficar sob a sua dependência (SABOURIN, 2008, p. 134).

- 38 Ainda, complementa:

(...) se material e espiritual se misturam, pode-se conceber que a coisa dada leva algo do ser e do doador. Dessa forma Mauss faz uma distinção, em particular, em sua análise do potlatch e da dádiva agonística, entre a troca mercantil, motivada pelo interesse, e o sistema de dádiva, no qual reina a nobreza e a honra e no qual o doador ganha prestígio (Idem, p. 133).

- 39 Tal mistura entre as coisas acaba gerando o sentimento de que o bicheiro, ao ofertar uma dádiva, dá também um pouco de si ao beneficiário. Logo, receber uma graça do bicheiro significa que se está recebendo parte dele e, dessa forma, deve-se retribuir a ele e o honrar, corroborando enfim para a ideia de que as relações de trocas podem ser enxergadas não só através de uma visão utilitarista, mas, sim, considerando outras

esferas simbólicas das mediações sociais ocorridas entre os atores que acabam, também, por forjar um terreno complexo nas escolas de samba do Rio de Janeiro.

CONCLUSÃO

- 40 Abordar a temática do jogo do bicho em seu relacionamento com as escolas de samba do Rio de Janeiro pode provocar surpresa por ainda ser um assunto tabu. As constantes notícias de contraventores presos, envolvidos nas mais distintas atividades consideradas ilegais pelo Estado, provoca uma atitude repulsiva e medrosa em todos os que pensam em falar sobre o assunto, principalmente quando os mesmos são envolvidos com escolas de samba em suas vidas pessoais.
- 41 Entretanto, é inegável a importância que o jogo adquiriu ao longo do desenrolar histórico das escolas de samba: seja no financiamento dos desfiles, seja em sua articulação com o Estado, mas principalmente no que tange à aceitação de grande parte dos sambistas dos bicheiros sob sua interação.
- 42 Michel Misse afirma que:
- A relação dos bicheiros com a população de seu território tem as características do que no mundo rural brasileiro chamou-se "mandonismo local". Vários deles mantinham relações de clientelismo com os moradores de sua área e tornaram-se financiadores e presidentes de "escolas de samba" e de clubes de futebol no Rio de Janeiro. Quase todas as escolas de samba tinham o seu bicheiro e os seus nomes são conhecidos de todos que produzem o carnaval popular no Rio de Janeiro (2001, p. 16).
- 43 Já Anselmo Bezerra considera que o processo de implementação do jogo do bicho no carnaval carioca "não passou de uma manipulação capaz de retirar da mão do sambista a direção da sua organização" (2009, p. 146). Entretanto, contrapõe-se à visão de que os dominados – sambistas – colocar-se-iam em um visão passiva desse processo, atentando para o fato de haver, de fato, uma relação de troca entre os sujeitos:
- (...) o suporte financeiro concedido pelos contraventores para a produção do carnaval, assim como a realização de obras de assistência social, constituiria uma troca mecânica, nos termos do mais puro interesse material, focada na legitimidade necessária ao bom funcionamento das atividades ilícitas ligadas ao jogo do bicho (idem).
- 44 Afinal, o jogo do bicho é legal ou ilegal? Labronici nos alerta e questiona:
- Por mais que o jogo do bicho tenha essa classificação legal de "contravenção", para a maioria dos jogadores, ele não representa uma transgressão ética. Ele possui uma moralidade aceita na sociedade que é refletida nos demais jogos legalizados ou administrados pelo poder público. Se os demais "jogos de azar", que envolvem apostas em dinheiro, são legalizados, por que o bicho faz parte deste seleto grupo de jogos proibidos? (LABRONICI, 2012, p. 25)
- 45 Dessa mesma forma, o jogo do bicho, para Constância e Adélia, é revestido de uma aura de legitimidade social e legalidade que, mesmo questionada por alguns segmentos dentro da escola de samba, não constrange os sambistas que, dentro desse espaço circunscrito, chamam os banqueiros de "papai", "mestre" e "grandes-homens". Para a sociedade contemporânea, resta nos livrar dos moralismos e julgamentos e tentar melhor entender esse complexo jogo de interações que, ainda hoje, é fundamental para entender as relações simbólicas de poder dentro de uma escola de samba carioca, sendo

importante, então, necessárias pesquisas que desvelem esse ambiente complexo e desafiador do Rio de Janeiro.

BIBLIOGRAFIA

- BARBIERI, Ricardo José de Oliveira. *Sociabilidade e conflito em pequena escola de samba: o Acadêmicos do Dendê da Ilha do Governador*. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2010.
- BECKER, Howard. A Escola de Chicago. *Mana*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 177-188, 1996
- BEZERRA, Luiz Anselmo. O mecenato do jogo do bicho e a ascensão da Beija-Flor no carnaval carioca. *Textos Escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.6, p.139-150, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- CABRAL, Sérgio. *As escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.
- CAVALCANTI, M. L. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*, Rio Janeiro, FUNARTE/UFRJ, 1994.
- _____. Festa e Contravenção: os bicheiros no carnaval do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Aeroplano, 2009, In: CAVALCANTI, Maria Laura e GONÇALVES, Renata Sá (org.) *Carnaval em Múltiplos Planos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009
- CHINELI, Filipina e SILVA, Luiz A. Machado. O Vazio da Ordem: Relações Políticas e Organizacionais entre as Escolas de Samba e o Jogo do Bicho. *Revista Rio de Janeiro*, n.12, jan-abril, 2004
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia: uma História Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- DA MATTA, Roberto; SOÁREZ, Helena. *Águias, burros e borboletas: um estudo antropológico sobre o jogo do bicho*. Rio de Janeiro: ROCCO, 2006.
- FOOTE WHYTE, William. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- JUPIARA, Aloy; OTAVIO, Chico. *Os Porões da Contravenção*: São Paulo: Record, 2015.
- LABRONICI, Rômulo Bulgarelli. *Para Todos Vale o Escrito: uma Etnografia do jogo do bicho*. Dissertação apresentada à UFF, Niterói, 2012
- LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de samba, ritual e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- MALLARD, Gregoire. 2010. "The Gift Revisited: Marcel Mauss on War, Debt and the Politics of Nations." Roberta Buffett Center for International and Comparative Studies - *Working Paper Series* No. 10-004.
-

MAUSS, Marcel. 1985 [1923-1924] “Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques”. In: Mauss, M. *Sociologie et Anthropologie*. Paris: PUF, 1985, pp. 145-279.

MISSE, Michel. Mercados Ilegais, Redes de Proteção e Organização Local do Crime no Rio de Janeiro. *Estud. av.* vol. 21, São Paulo, 2007.

QUEIROZ, Maria I. P. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ORTIZ, Renato. *A Procura de Uma sociologia da Prática*. São Paulo: Ática, 1983.

SABOURIN, Eric. 2008. “Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade.” In *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 23 (66): 131-138.

SAHLINS, Marshall. Homem Pobre, Homem Rico, Grande-Homem, Chefe: tipos políticos na Melanésia e na Polinésia. In: *Cultura na Prática*, Ed. UFRJ, 2005

SILVA, Luiz Antônio Machado. Jogo do Bicho e as Escolas de Samba: Um Caminho de Mão Dupla. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 2007. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/conteudo-complementar/jogo-do-bicho-e-escolas-de-samba-um-caminho-de-mao-dupla>>.

VALENÇA, Rachel. *Carnaval*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

VELHO, Gilberto (org.) *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999

FIGURAS:

1-<http://www.revistastatus.com.br/2012/12/10/vendeta-a-carioca/>

2-<https://onzeideal.wordpress.com/author/gratoguilherme/>

3-<https://www.youtube.com/watch?v=pcgmvNhb-yc>

4-<http://www.reinaldoleal.com/rlcarnaval2005/carnaval2005pag2.htm>

5-<http://wellisonmagalhaes.blogspot.com.br/2008/02/nilpoliseternamente-ilpolis.html>

NOTAS

1. No seminário “Sonhar não Custa Nada ou Quase Nada – Novo Horizonte das Escolas de Samba do Rio de Janeiro”, realizado na UERJ dias 24 e 25 de Junho de 2015, o pesquisador Edson Farias afirmou que a transmissão dos desfiles gerou uma audiência de, aproximadamente, 450.000.000 em todo o mundo, segundo o IBOPE de 2008.

2. Em primeiro lugar, vale lembrar que o desfile das escolas de samba ocorre com a distribuição das agremiações em níveis, variando desde o primeiro grupo, até o sexto grupo, comportando, ao todo, mais de 80 escolas de samba. Com isso, a realização dos desfiles ocorre de forma espalhada na cidade, desfilando as escolas do primeiro grupo na Marquês de Sapucaí, e as demais na estrada Intendente Magalhães, localizada no bairro do Campinho.

3. Ortiz ainda traça um paralelo entre uma ideia de interacionismo simbólico e a sociologia de Bourdieu. Dentre outras características apontadas: “Com efeito, posto que para Goffman o fenômeno social se identifica a uma peça teatral, toda observação se dá necessariamente em escala reduzida, o que confina a análise aos limites concretos de uma fábrica, um prédio, etc. A compreensão da realidade como teatro pressupõe um princípio epistemológico idêntico à observação antropológica: o observador possui a mesma dimensão que a sociedade observada. Para Bourdieu, a questão se coloca em outro nível, pois o campo não é o resultado das ações individuais dos agentes. Abre-se, assim, a possibilidade de se estudar as relações existentes num

campo determinado e, por conseguinte, as estratégias dos agentes que o compõem e o sistema de transformação ou de conservação da sociedade global” (1983, p. 20). Com isso, o autor atenta ser possível observar o caráter simbólico de análise das relações sociais em uma escala reduzida junto a uma análise bourdieusiana, que, por sua vez, contempla a macro-escala. Não irei me ater a uma discussão mais profunda entre as duas percepções de análise, porém acredito que seja possível considerar as duas visões como parte constitutiva deste trabalho.

4. Portanto, as escolas de samba têm sua dimensão simbólica latentes, sem que isso signifique um apagamento de suas dimensões de poder e disputas, sendo o próprio simbólico utilizado como um capital de distinção e diferenciação nesse campo.

5. JUPIARA, A.; OTAVIO, C. *Os Porões da Contravenção*. São Paulo: Record, 2015.

6. Disponível em: <www.liesa.globo.com>. Acesso em: 25 jul. 2015.

7. Rômulo Labronici afirma que o problema da ilegalidade nos jogos populares de azar ocorre desde o século XIX com a publicação, em 1830, da primeira legislação sobre os jogos, em que aparecia como "vício" e "vadiagem". (2012, p. 43)

8. O Centro Cultural Cartola – atual Museu do Samba – é uma Organização Não-Governamental fundada em 2001 pelos netos do sambista Cartola, Pedro Paulo Nogueira e Nilcemar Nogueira, com o objetivo de guardar a memória do avô, falecido em 1981. Na ocasião do evento narrado, atuava como pesquisador da instituição, onde promovíamos o evento “Cine Debate” com algumas escolas de samba, que consistia em reunir os componentes da agremiação e exibir desfiles antigos, dentro da política do IPHAN/ Patrimônio Imaterial de salvaguardar a memória do que o órgão considera como sendo as “Matrizes do Samba Carioca”.

9. Anotação de campo na quadra de ensaios escola, realizada em 05/08/2015

10. É famoso no mundo do samba o caso em que Castor de Andrade, na véspera de um carnaval, chegou à quadra da escola e, entusiasmado com o que acabara de ver como resultado final no barracão da escola, local onde se confeccionam as alegorias, arremessou dinheiro do alto de um dos camarotes da escola. A façanha teria durado pouco tempo, gerando grande alvoroço dentro do bairro. Após o feito, teria trancado o portão do barracão e não permitido que mais ninguém entrasse.

11. Não irei me ater a esse ponto, porém Sahlins fala sobre a ideia dos “Grandes Homens”, que se utilizam de benesses para criarem respeitabilidade perante um grupo e tornarem-se, assim, líderes e figuras de grande notoriedade. Consideram os bicheiros, portanto, “grandes-homens” (SAHLINS, 2005). Sahlins atesta que "Os grandes-homens instigam realmente a ação das massas, mas apenas por meio do estabelecimento de uma ampla fama e de relações pessoais de coerção ou reciprocidade com outros homens de centro" (Idem, p. 85).

RESUMOS

Baseando-se nas ideias de dependência, reciprocidade e lealdade, o presente artigo apresenta uma reflexão inicial sobre as relações de troca e reciprocidade ocorridas entre as escolas de samba do carnaval do Rio de Janeiro e o jogo do bicho, uma modalidade de jogo de azar considerada ilegal pelo estado brasileiro. Considerando debates acadêmicos anteriores, observo de que maneira essas relações sociais são constitutivas de uma das dimensões mais complexas da cidade e da cultura popular.

Based on the ideas of dependence, reciprocity and loyalty, this article presents an initial reflection on the relations of exchange and reciprocity that took place between the samba schools of the carnival of Rio de Janeiro and jogo do bicho, a form of gambling considered ilegal by the brazilian state. Considering previous academic debates, I observe how these social relations are constitutive of one of the most complex dimensions of the city and the popular culture.

ÍNDICE

Keywords: Carnival, Samba schools, Exchanges, Jogo do bicho

Palavras-chave: Carnaval, Escolas de samba, Trocas, Jogo do bicho

AUTOR

VINÍCIUS NATAL

Graduado em História pela UFF, Mestre em Sociologia e Antropologia pela UFRJ e Doutorando pela mesma Instituição e curso.